

A concordância entre o comportamento de base segura com a mãe nos primeiros anos de vida e os modelos internos dinâmicos no pré-escolar (*)

FILIPA SILVA (*)

MARÍLIA FERNANDES (**)

MANUELA VERÍSSIMO (**)

NANA SHIN (***)

BRIAN E. VAUGHN (***)

KELLY K. BOST (****)

Um elemento central no estudo da vinculação, particularmente, em contexto familiar, refere-se à organização das representações das relações de vinculação no modelo interno dinâmico da criança (Monteiro, Veríssimo, Silva & Fernandes, 2005). Segundo Bretherton e Munholland (1999), as crianças constroem os modelos internos com base nos modelos

de interação, provenientes das suas experiências com as figuras de vinculação.

As diferenças individuais encontradas ao nível da qualidade da relação de vinculação das crianças (e mesmo nos adultos) são atribuídas às divergências sistemáticas existentes nos modelos internos do *self* e dos outros. O facto da qualidade da relação de vinculação continuar a existir ao longo da vida sugere a durabilidade desses mesmos modelos (Collins & Read, 1994).

Os recentes avanços da Psicologia Cognitiva permitiram a transição da investigação na área da Teoria da Vinculação, baseada apenas na avaliação dos comportamentos para o nível da representação (Waters, Rodrigues & Ridgeway, 1998).

(*) Agradecimentos: Os autores gostariam de agradecer a todas as mães, pais e crianças que aceitaram participar neste estudo, financiado em parte pela FCT (PTDC/PSI/66172/2006), e pela NSF (BCS-01-26163, BCS-01-26427 e BCS-06-23019). Os autores gostariam ainda de agradecer a todos os colegas da Linha 1, Psicologia do Desenvolvimento, da UIPCDE pelos seus valiosos comentários.

Contactos: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. E-mail: FMSilva@ispa.pt

(**) UIPCDE, Instituto Superior Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.

(***) Department of Human Development and Family Studies, Auburn University, USA.

(****) Human and Community Development, University of Illinois at Urbana-Champaign, USA.

MODELO INTERNO DINÂMICO DA CRIANÇA

No quadro teórico de Bowlby, o mundo interno da criança começa a desenvolver-se com a construção dos modelos internos dinâmicos das figuras de

vinculação. Estes modelos são entendidos como representações mentais conscientes e inconscientes do mundo e de si nesse mundo, resultam das experiências de aprendizagem que começam no nascimento e que se vão tornando mais complexas e generalizáveis e com os quais o sujeito percebe os acontecimentos, prevê o futuro e planeia as ações (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978).

Os modelos internos ajudam a criança na regulação, interpretação e predição dos comportamentos, pensamentos e sentimentos relacionados com a vinculação, referentes a si mesma e à figura de vinculação. A criança tem, ainda, a possibilidade de realizar uma reflexão acerca das situações de vinculação passadas e futuras, assim como, resolver conflitos relacionais (Bretherton & Munholland, 1999).

O conteúdo dos modelos internos consiste no que o sujeito sabe acerca das relações, nomeadamente, o conhecimento factual – informação actual do sujeito relativamente ao seu próprio comportamento de vinculação ou ao dos outros; e o conhecimento afectivo – sentimentos associados às relações (Crittenden, 1990).

Neste sentido, Collins e Read (1994), defendem que os modelos internos são compostos por quatro componentes interrelacionais: as memórias das experiências da relação de vinculação, as crenças, as atitudes e expectativas acerca do *self* e dos outros na relação de vinculação, os objectivos, estratégias e necessidades relativas à vinculação, e os planos relacionados com os objectivos realizados na relação de vinculação.

Relativamente à organização das representações das relações de vinculação, foram sugeridos três modelos: o modelo hierárquico, o modelo de organização integrativa e o modelo de organização independente (Howes, 1999). No primeiro modelo, as representações das vinculações estão organizadas de um modo hierárquico, onde a representação da figura de vinculação mais importante, normalmente a mãe, é a mais influente para a criança (Bretherton, 1985). Assim, as relações que a criança estabelece com outras figuras são influenciadas pela segurança de vinculação da criança à mãe, podendo-se esperar que as diferentes relações de vinculação sejam concordantes com a vinculação à figura materna. Em relação ao modelo de organização integrativa, este sugere que as crianças integram todas as suas relações de vinculação numa única representação. É dado um peso igual a todas as relações, não há

qualquer suposição de que uma relação de vinculação seja mais influente do que outra. De acordo com o último modelo mencionado, cada vinculação é independente tanto em qualidade, como na sua influência no desenvolvimento da criança. Este modelo considera que as representações de diferentes relações de vinculação têm diferentes influências em diversas áreas do desenvolvimento (Howes, 1999).

Os prestadores de cuidados assumem um papel muito importante na forma como as crianças desenvolvem precocemente os seus modelos internos (Oppenheim & Waters, 1995), através da qualidade do cuidado que lhes providenciam e das interpretações das experiências que oferecem no contexto da partilha de conversa com as crianças.

Assim, de acordo com Bowlby, é através da comunicação verbal e não verbal das figuras de vinculação que as representações de uma relação de vinculação segura e insegura são geradas e mantidas (Bretherton & Munholland, 1999).

Desta forma, a qualidade da relação da criança com o prestador de cuidados e a natureza dos seus modelos internos são determinados pela avaliação emocional do prestador de cuidados e pela sua capacidade de resposta às necessidades da criança (Collins & Read, 1994). Um modelo dinâmico do *self* valorizado e competente é construído com base num modelo dinâmico dos pais como emocionalmente disponíveis, mas também como suportes das actividades exploratórias. Contrariamente, um modelo interno desvalorizado e incompetente é construído num contexto de um modelo dinâmico dos pais como figuras que rejeitam ou ignoram o comportamento de vinculação e/ou interferem na exploração (Sroufe & Feeson, 1986).

OS MODELOS INTERNOS NA IDADE DO PRÉ-ESCOLAR

Durante a infância, os modelos internos operam principalmente ao nível do sensorio motor. No período pré-escolar, e em particular após os três anos de idade, assiste-se a uma reorganização do comportamento para um nível mais simbólico (Main, Kaplan & Cassidy, 1985).

As crianças, por volta dos 3-4 anos de idade precisam cada vez menos da proximidade física para se sentirem protegidas na relação com o prestador de cuidados. As suas capacidades cognitivas e de linguagem desenvolveram-se e são capazes de ante-

cipar, de representar mentalmente, de representar numa brincadeira e de descrever verbalmente o comportamento do prestador de cuidados no que respeita a acessibilidade e responsividade quando se sentem ameaçadas (Marvin & Britner, 1999).

Assim, a criança na idade do pré-escolar apresenta uma grande evolução no conhecimento de experiências sociais e na sua capacidade de representação esquemática. Estas representações esquemáticas resultam das experiências rotineiras da criança, apresentando progressivamente um carácter mais geral e distanciado das situações reais (Nelson, 1986).

Os esquemas são estruturas representacionais que fornecem um conjunto organizado de expectativas sobre uma situação. Posteriormente aos trabalhos realizados por Schank e Abelson (1977), este tipo de representações têm sido denominadas de *script*. Estes autores definem os *scripts* como uma representação mental de uma sequência estereotipada de acções que acontecem num determinado contexto espaço-temporal. Os *scripts* têm origem na repetição de experiências de natureza semelhante e mobilizados sempre que uma determinada experiência se aproxima do *script* existente, o que permite ao sujeito prever, com maior ou menor sucesso, o que irá acontecer para além do contexto imediato (Nelson, 1986).

Os *scripts* e as histórias são tipos de conhecimentos esquematicamente organizados, que podem ser activados em determinadas situações e guiar a compreensão, a acção e a posterior recordação (Nelson, 1996).

Recentemente, Bretherton e H. Waters procuraram no conceito de *script* uma forma para melhor compreender o funcionamento dos modelos internos dinâmicos. Bretherton (1991), considera os *scripts* de vinculação, os elementos cognitivos base das representações de vinculação.

Estudos realizados por Waters, Rodrigues e Ridgeway (1998) sugerem que as experiências de vinculação vivenciadas no contexto das primeiras relações são representadas sob a forma de uma estrutura de *script* causal-temporal em torno das componentes do fenómeno de base segura. A familiaridade e o acesso a este *script* adoptam um papel relevante na organização do equilíbrio entre os comportamentos de vinculação e os comportamentos de exploração, durante a infância, emergindo posteriormente a base dos modelos internos de vinculação.

Alguns autores (Bowlby, 1980; Stern, 1985) defendem que existe uma relação entre a linguagem e os

modelos internos. As evidências sugerem que aos três anos de idade, a linguagem das crianças pode ser considerada um meio para aceder aos modelos internos do *self* e da figura de vinculação (Bretherton, 1987). Quando estas encenam separações e reuniões com os brinquedos estão provavelmente a activar os seus modelos internos da sua actual experiência.

O Attachment Story Completion Task (ASCT) (Bretherton & Ridgeway, 1990) e o Teste de Ansiedade de Separação (SAT) (adaptação de Klagsburn & Bowlby, 1976) são instrumentos que permitem avaliar a associação entre as respostas das crianças relativamente às representações e aos seus comportamentos de vinculação para com a mãe na infância (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985).

O estudo desenvolvido por Miljkovitch, Pierrehumbert, Bretherton e Halfon (2004), sugere que mesmo aos três anos de idade, as estratégias representacionais utilizadas pelas crianças podem ser acedidas através da finalização das narrativas e que estas estão de acordo com estratégias representacionais de vinculação semelhantes às utilizadas pelas suas mães.

O primeiro estudo para aceder aos modelos internos utilizando um método de narrativas (SAT), foi utilizado por Main, Kaplan e Cassidy (1985), com crianças de seis anos de idade. Os resultados mostraram que as crianças classificadas como seguras na infância foram capazes de permanecer organizadas quando confrontadas com temas de vinculação carregados de emoção e falar abertamente acerca de um extenso leque de emoções, incluindo raiva e tristeza, dando respostas coerentes, abertas e elaboradas. Enquanto que as crianças classificadas como inseguras deram respostas desorganizadas, por vezes não responderam e algumas deram respostas irracionais e bizarras, indicando que tais crianças podem apresentar dificuldades em permanecer organizadas quando confrontadas com descrições de separação e outras situações de vinculação (Oppenheim & Waters, 1995).

Bretherton, Ridgeway e Cassidy (1990), defendem que as crianças seguras de três anos de idade, lidam igualmente com os problemas apresentados nas histórias de forma emocionalmente aberta e apresentam resoluções construtivas para as mesmas.

Na aplicação do instrumento ASCT, as crianças evitantes parecem desviar a sua atenção dos temas de vinculação associados aos afectos negativos

relatados nas histórias e evitam responder ou negam os temas da vinculação (Miljkovitch *et al.*, 2004). As crianças ambivalentes frequentemente parecem estar “ocupadas” e criam histórias que são constantemente interrompidas pela distração ou por actividades irrelevantes, reflectindo a incapacidade destas crianças para resolverem os problemas de vinculação apresentados de uma forma construtiva (Solomon, George & De Jounge, 1995) e as crianças desorganizadas apresentam histórias que contêm resoluções bizarras (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990).

De acordo com Oppenheim e Waters (1995), é esperado que o conteúdo das respostas das crianças revele o conteúdo dos modelos internos das mesmas. Desta forma, espera-se que as crianças com uma vinculação segura construam narrativas que descrevam mais interacções positivas entre os pais e a criança, e que as crianças com uma vinculação insegura dêem respostas que descrevam interacções mais negativas.

Segundo Bretherton, as crianças ao completarem as histórias, parecem, por vezes, recorrer não só às experiências de interacção com as suas mães, como também, reportam medos, desejos e representações metafóricas das emoções (Miljkovitch *et al.*, 2004). São as trocas emocionais que ocorrem nas “conversas abertas” entre mãe-criança, que vão permitir que esta crie resoluções e histórias coerentes, mesmo em cenários de vinculação que envolvam conflitos não vivenciados pessoalmente pela criança (Bowlby, 1980; Bretherton, 1993).

De acordo com Bowlby (1988) e Bretherton (1991), a fonte das dificuldades das crianças está nos distúrbios da comunicação pais-criança e nos processos de co-construção que deixam a criança sem capacidades para providenciar respostas coerentes relativamente aos temas da vinculação presentes nas histórias.

A explicação para as diferenças encontradas nas narrativas das crianças seguras e inseguras podem estar relacionadas com o conceito de exclusão defensiva. Segundo Bowlby (1980), a informação que é muito dolorosa para a criança é excluída do conhecimento, processada e representada nos modelos internos que permanecem fora do conhecimento. A criança terá dificuldades em construir respostas emocionalmente coerentes quando é confrontada com um estímulo da vinculação, porque esse vai força-a a responder de acordo com a classe de informação que ela tenta excluir (Bowlby, 1980).

O processo defensivo utilizado pela criança torna-se num auxílio na medida em que guarda a informação das experiências mentais insuportáveis e leva-a a realizar adaptações futuras dos modelos internos para a realidade problemática (Bretherton, 1987).

Como consequência de uma exclusão defensiva, Bowlby postulou, que uma criança pode vir a operar com dois padrões incompatíveis de modelos dinâmicos e da figura de vinculação: um padrão acessível conscientemente, baseado em falsas informações; e um padrão inacessível conscientemente ou apenas com uma acessibilidade intermitente, reflectindo a experiência/interpretação da criança da situação vivida (Bretherton & Munholland, 1999).

Outra proposta defendida por Bowlby prende-se com as situações em que a figura de vinculação apresenta comportamentos marcadamente contraditórios, o que leva a que a criança desenvolva diferentes tipos de representações em relação a essa figura (Steele, Hodges, Kaniuk, Hillman & Henderson, 2003). Contudo, Bowlby considera, ainda, que os pais têm um papel facilitador em auxiliar os seus filhos na construção e revisão dos modelos dinâmicos através do diálogo. Pais que experienciaram trocas com figuras de vinculação responsivas durante a infância, são mais capazes de responder aos problemas dos seus próprios filhos com empatia e suporte emocional. Como resultado, os seus filhos provavelmente sentem-se, não só compreendidos, valorizados e competentes, mas também estão numa melhor posição para construir um modelo dinâmico funcional do *self* e do prestador de cuidados (Bretherton & Munholland, 1999).

Os pais servem como base segura para os seus filhos explorarem o mundo interno através do diálogo sobre os modelos dinâmicos (Bretherton & Munholland, 1999).

A ESTABILIDADE DO MODELO INTERNO

À medida que estabelecemos novas relações, fazemo-nos acompanhar de um historial de experiências sociais e de um conjunto de memórias, crenças e expectativas que nos guiam no modo de interagir com o outro, e no modo como construímos o nosso mundo social. As representações continuam a evoluir à medida que nos envolvemos com novas pessoas e desenvolvemos novas relações. Contudo, de acordo com a teoria da vinculação,

os nossos modelos cognitivos, que começam a desenvolver-se desde o início da nossa história pessoal, tendem a permanecer como base (Collins & Read, 1994).

Propostos pela primeira vez por Bowlby (1973) e mais tarde retomados por Bretherton (1985) e por Main (1991) os modelos internos são vistos como traços centrais da personalidade que modelam o modo como o sistema de vinculação se expressa, dirigindo os padrões comportamentais, cognitivos e emocionais.

Segundo Bowlby (1990), os modelos internos dinâmicos podem ser estáveis ao longo de um período significativo de tempo; contudo, podem sofrer mudanças resultantes das experiências vivenciadas pelo indivíduo. Por exemplo, quando a figura parental tende, repetidamente, a abandonar ou a não responder aos sinais da criança, a confiança desta na figura de vinculação pode diminuir, levando a que a criança reconstrua o seu modelo interno da figura parental e do *self* (Bowlby, 1973). Contrariamente, quando as circunstâncias de vida melhoram, a figura parental pode tornar-se mais sensível às necessidades de vinculação da criança, levando a que esta reveja a construção dos modelos dinâmicos do *self* e da figura parental (Bretherton & Munholland, 1999).

Assim, durante os primeiros anos de vida, os modelos internos são relativamente permeáveis à mudança caso a qualidade dos cuidados se modifique. Contudo, se estes apresentarem um padrão consistente durante a infância e a adolescência, é de esperar que os modelos se tornem mais sólidos, isto é, que perante experiências que se repetem continuamente passem a fazer parte da criança mais do que da relação, e que uma vez formadas tendam a ser operadas de modo automático e inconsciente, e assim se tornem resistentes à mudança (Collins & Read, 1994).

Neste sentido, apesar de na infância os modelos internos começarem por representar a relação específica com a figura de vinculação, com o tempo e como resultado de um maior número de experiências, formam modelos mais generalizados e abstractos do *self* e dos outros (Bowlby, 1973).

Em dois estudos longitudinais desenvolvidos por Hamilton (2000) e Waters, Merrick, Treboux, Crowell e Albershein (2000), foi encontrada uma continuidade nas classificações da vinculação desde a infância até à adolescência e início da idade adulta. Num estudo de Weinfield, Sroufe e Egeland (2000),

os sujeitos pertencentes a uma amostra considerada de risco não mantiveram as classificações de vinculação. Estes estudos enfatizam a importância das experiências relacionadas com a vinculação vividas pelos sujeitos, no sentido da continuidade ou da mudança, mostrando, assim, uma perspectiva coerente da vinculação como sendo um processo dinâmico ao longo do desenvolvimento (Waters, Weinfield & Hamilton, 2000).

OBJECTIVOS

Este estudo tem como objectivo analisar a estabilidade da vinculação, centrando a sua análise nas representações de vinculação das crianças em idade pré-escolar.

Os modelos internos da criança são construídos nas interacções com as figuras de vinculação, através da qualidade do cuidado que estas figuras lhes providenciam e das interpretações das experiências que oferecem no contexto da partilha de conversa com a criança (Oppenheim & Waters, 1985).

A partir do momento em que a representação das figuras parentais se torna predominantemente simbólica nos processos de pensamento da criança, esta tem a capacidade de utilizar a relação de vinculação como um modelo de funcionamento interno que serve de base para as restantes interacções. Assim, a criança na idade do pré-escolar, torna-se sucessivamente capaz de contar com os modelos internos da relação de vinculação para se sentir segura, mesmo na ausência da figura de vinculação (Bretherton & Munholland, 1999).

Para alguns autores (Bowlby, 1980; Stern, 1985) existe uma relação entre a linguagem e os modelos internos, na medida em que a criança pode através da linguagem contar como constrói acontecimentos específicos interpessoais. Assim, a linguagem das crianças pode ser considerada um meio para aceder aos modelos internos (Bretherton, 1987).

Neste sentido, Miljkovitch *et al.* (2004) sugerem que as estratégias representacionais podem ser acedidas através da finalização de narrativas. De acordo com Oppenheim e Waters (1995), é esperado que o conteúdo das narrativas das crianças revele o conteúdo dos seus modelos internos.

Main, Kaplan e Cassidy (1985) foram as primeiras autoras a demonstrar uma relação entre a vinculação, a um nível comportamental na infância, e a qualidade

da vinculação ao nível da representação e da linguagem dessas mesmas crianças aos seis anos de idade.

De acordo com a teoria da vinculação, a qualidade da vinculação tende a estabilizar e consolidar pelo menos durante os primeiros seis anos de vida, sendo que os modelos internos apresentam alguma “resistência à mudança” (Bretherton & Munholland, 1999).

Tendo em consideração o que foi referido anteriormente, espera-se que na idade do pré-escolar se verifique uma estabilidade entre a qualidade da relação de vinculação, acedida através de um método de observação de comportamentos, e os modelos internos avaliados com base num método de finalização de narrativas.

MÉTODO

Participantes

Neste estudo participaram famílias provenientes de Portugal e dos Estados Unidos da América, pelo que, seguidamente, se fará a caracterização separada de cada grupo de participantes.

Participantes Portugueses

Os participantes são 25 díades mãe-criança. À data das observações do AQS, as crianças tinham idades compreendidas entre os 28 e os 44 meses ($M=33.16$, $DP=3.74$), sendo 15 do sexo feminino e 10 do sexo masculino. A média de idades das mães era de 36 anos ($DP=4.11$). Relativamente às habilitações literárias maternas, 56% das mães eram licenciadas (8% obtiveram uma pós-graduação, seja ela, mestrado ou doutoramento), 32% completaram o ensino secundário e 12% tem o ensino secundário incompleto. Destas, 21 trabalham a tempo inteiro. As famílias pertencem a um nível socio-económico médio/médio alto, tendo sido recrutadas através das Creches/Jardins-de-Infância que as crianças frequentam.

Participantes Americanos

Os participantes são 47 díades mãe-criança. As observações do AQS foram realizadas antes das crianças atingirem os 42 meses de idade ($M=35.2$, $DP=4.03$), sendo 22 do sexo feminino e 25 do sexo masculino. A média de idades das mães era de 35.6 anos ($DP=4.4$). Relativamente às habilitações literárias maternas, mais de 85% das mães eram

licenciadas (mais de 50% obtiveram um grau profissional ou uma pós-graduação) e todas, excepto uma, mencionaram ter frequentado a escola secundária ou obtido algum treino profissional pós-secundário. Todas as mães estavam empregadas ou a frequentar ensino escolar vinte horas por semana. As famílias pertencem a um nível socio-económico médio, tendo sido recrutadas através de dois centros infantis pertencentes a uma área metropolitana de um estado no sudoeste dos EUA.

Ambas as famílias participantes, portuguesas e americanas, participam num projecto longitudinal que analisa o desenvolvimento sócio-emocional de crianças entre os dois anos e meio e os cinco anos.

Instrumentos

Attachment Behaviour Q-Set (AQS) – versão 3.0 de Waters (1995)

O AQS avalia a organização do comportamento de base segura da criança, definido como a organização harmoniosa e o equilíbrio adequado entre a procura de proximidade e a exploração do meio (Posada, Goa, Wu, Posada, Tascon, Schoelmerich, Sagi, Kondo-Ikemura, Haaland, & Synnevaag, 1995), face à mãe ou a outras figuras, em contexto ecologicamente válido. Este é um instrumento de classificação e observação sistemática, baseada na metodologia do *Q-Sort*, sendo preenchido através da atribuição de itens a categorias, utilizando uma distribuição fixa. A validade do AQS, realizado por observadores, foi claramente confirmada na meta-análise de van IJzendoorn, Vereijken, Bakermans-Kranenburg e Riksen-Walraven (2004), assim como, em amostras portuguesas com crianças, em idade pré-escolar (e.g. Veríssimo, Monteiro, Vaughn, Santos, & Waters, 2005; Veríssimo, Monteiro, & Santos, 2006).

Attachment Story Completion Task (Bretherton & Ridgeway, 1990)

Este instrumento é constituído por cinco histórias passíveis de serem finalizadas pelas crianças, recorrendo-se a pequenas figuras de elementos de uma família tradicional e outros adereços simples. Cada história está formulada de forma a desencadear respostas correspondentes a uma questão particular da vinculação (Bretherton & Ridgeway, 1990).

As questões levantadas nas histórias incompletas e iniciadas pelo experimentador, são (1) a figura de vinculação num papel autoritário (a história

do sumo entornado), (2) a dor como um desencadeador de comportamentos de vinculação e protecção (a história do joelho magoado), (3) o medo como um desencadeador de comportamentos de vinculação e protecção (a história do monstro no quarto), (4) a ansiedade de separação e *coping* (a história da partida) e (5) as respostas ao regresso dos pais (a história do reencontro) (Bretherton & Ridgeway, 1990).

Para a realização da tarefa de avaliação das representações da vinculação são utilizadas figuras representativas de uma família com pai, mãe, vizinha e duas crianças, um menino maior e um mais pequeno ou uma menina maior e outra menina mais pequena, utilizados de acordo com o género da criança (Bretherton & Ridgeway, 1990).

São também utilizados: uma mesa e quatro cadeiras; um bolo de aniversário; um conjunto de pequenos pratos e copos; uma peça de feltro verde para representar a relva (22,5cm x 22,5cm aprox.); uma pequena esponja artificial cinzenta ou bege, cortada de forma a parecer-se com uma rocha; camas e cobertores e um automóvel. Todos os objectos têm tamanhos proporcionais e adequados às figuras (Bretherton & Ridgeway, 1990).

Procedimento

Observações do AQS

As visitas domiciliárias, de cerca de duas a três horas, foram combinadas com a mãe, de modo a observar as interacções criança-mãe. Cerca de 82% das observações ocorreram durante a semana, após as mães terem ido buscar as crianças à escola, tendo as restantes sido efectuadas no fim-de-semana.

Foi dito às mães que o objectivo da visita era conhecer a criança e a mãe nas suas rotinas e experiências diárias, pelo que lhes foi pedido que mantivessem as suas actividades do dia-a-dia inalteradas. As observações foram realizadas por duas equipas de observadores independentes que se comportaram como se de visitas sociais a casa se tratassem, procurando não interferir nas interacções em curso, mas participando nas brincadeiras da criança quando solicitados e conversando informalmente com a mãe. Quando se tornava oportuno, e na sequência da conversa com a mãe, foram colocadas questões acerca de itens que não se podem observar ou que não foram observados na visita.

No final, os observadores realizaram a distribuição dos itens do AQS relativos ao sujeito, de modo totalmente independente. Os 90 itens foram distri-

buidos por uma escala de nove pontos (10 itens em cada categoria), em que os itens mais característicos da criança são colocados nas categorias mais elevadas (9-7) e os itens menos característicos, ou os que não são como a criança observada são colocados nas categorias inferiores (3-1). Os itens que não são, nem característicos, nem incharacterísticos e/ou os itens que não foram observados são colocados no centro da distribuição (6-4). O perfil do sujeito observado é, então, correlacionado com o critério de segurança (Waters, 1995), obtendo-se um valor que reflecte o lugar ocupado pela criança num contínuo de segurança (ver Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Fernandes, 2005), aceite, para uma descrição mais pormenorizada do procedimento). A média das correlações inter-observadores, na equipa portuguesa foi de .72. O *Q-Sort* de cada criança é o compósito (média) das duas descrições-q realizadas pelos observadores. Na equipa americana, a maior parte das visitas (n=38), foi realizada apenas por um observador; contudo, antes das observações foi feito um acordo inter-observadores, em que as correlações variaram entre .70 e .80 para todo o *sort*. Quando as visitas foram realizadas por dois observadores os itens foram ordenados por consenso.

Recolha das Narrativas

O instrumento foi aplicado numa sala disponível do Jardim-de-infância, com a criança e o experimentador sentados frente a frente. As crianças foram filmadas enquanto completavam as histórias iniciadas pelo experimentador, para que os seus comportamentos verbais e não verbais pudessem ser posteriormente analisados.

Os adereços foram colocados de acordo com o procedimento original, nomeando cada um deles (excepto os bonecos identificados no início). Depois de cada história, foi pedido à criança para colocar as figuras da família e os adereços num dos lados da mesa, dizendo: "Podes prepará-los para a próxima história?". Para iniciar a história seguinte, o experimentador disse algo como: "Tenho uma ideia para uma história diferente?" ou "Estás pronto para uma história diferente?".

Em cada história, o experimentador questionou a criança acerca do tema em questão, se a criança não o fez espontaneamente: "O que fizeram acerca do sumo entornado?" ou "O que fizeram com o monstro?". Quando a criança se limitou a dar uma resposta, o experimentador perguntou: "Mais alguma coisa?", "O que mais?", "E depois?". Se a criança

agiu com as figuras em acções ambíguas, perguntou: “O que estão a fazer?” e se a criança usou um pronome ambíguo enquanto fala acerca das figuras, o experimentador perguntou: “Quem estava a fazer isso?”. O experimentador, também, pode repetir a frase da criança em forma de pergunta, para verificar o que a criança disse (“A mãe entornou o sumo? E depois?”). Se a criança perguntou pela vizinha, o experimentador respondeu: “A vizinha não entra nesta história, vamos buscá-la para outra história mais tarde”. Notar que as questões foram formuladas de forma a não sugerir ideias precisas à criança. A única excepção é a questão sobre o tema se a criança não o fizer.

A cotação das narrativas dos sujeitos foi realizada por dois investigadores estranhos à situação da recolha dos dados, quer no *Attachment Story Completion Task*, quer no *Attachment Behavior Q-Set*.

Cada uma das cinco histórias foi cotada ao nível da Segurança e Coerência, numa escala de oito pontos (Heller, 2000). É de notar que estes critérios se afastam do método de cotação originariamente proposto por Bretherton, Ridgeway e Cassidy (1990), de avaliação categorial das narrativas em seguras, inseguras ambivalentes/evitantes e desorganizadas. Esta opção por uma avaliação das representações de vinculação num contínuo, privilegiando a extensão em que estão presentes elementos de segurança, em detrimento de uma classificação categorial que pode ser redutora (Oppenheim, 1997), parece-nos desejável, estando em acordo com as actuais tendências de investigação na área (por exemplo, na análise de narrativas de adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004) e em observações com o *Attachment Q-Set* (Waters, 1995).

No critério da Coerência uma pontuação acima de 6 é dada quando a história é completada de forma consistente e unificada, com poucas hesitações e sem desvios inapropriados. Em contraste, as histórias com pontuações iguais ou menores que 4 não são, geralmente, resolvidas e/ou apresentam desvios negativos, agressivos, ou bizarros, sendo desconexas e ilógicas.

A Segurança é um critério mais lato que inclui, não apenas a Coerência e a Resolução dada (extensão em que cada problema é reconhecido e resolvido de forma bem sucedida), mas também uma avaliação global do Comportamento não-verbal, Representação parental, Investimento na tarefa, Fluência, Emoção geral expressa, Conhecimento emocional e qualidade da Interação com o entrevistador. É também avaliada

ao longo de uma escala de 8 pontos, que varia de *Desorganizado* (1) a *Muito Seguro* (8), onde estão contidos os cambiantes dos comportamentos de evitamento e de ambivalência (distinção não considerada no presente estudo).

A média das correlações inter-observadores, na equipa portuguesa, para o valor de Segurança foi de .85 e para o valor de Coerência foi de .81; na equipa americana .72 para o valor de Segurança e .71 para o valor de Coerência.

RESULTADOS

Há a salientar que, apesar dos participantes pertencerem a dois grupos sócio-culturais diferentes, a média dos resultados nas variáveis em estudo é semelhante, pelo que os resultados serão apresentados de uma forma global.

Qualidade da Vinculação da Criança

Tendo como referência o valor do critério de segurança (Waters, 1995), definido por um conjunto de peritos relativamente a uma criança ideal; correlacionou-se a informação obtida através do *Q-Sort*, com os valores dos critérios da criança ideal, tendo como objectivo obter o resultado para cada uma das crianças no constructo em causa.

Neste estudo, a média do valor de Segurança para os participantes portugueses é de 0.42 e para os participantes americanos é de 0.37. Uma análise de variância revelou que não existem diferenças significativas nos valores de Segurança para ambas as famílias participantes ($F(71,1)=3.1$; $p>.05$).

Segurança e Coerência das Narrativas

Os valores da Segurança e Coerência representam as respostas das crianças correspondentes a questões particulares da vinculação, desencadeadas pela apresentação das narrativas.

De forma a compreendermos como se correlacionam as diferentes histórias, realizou-se uma correlação que nos permitiu relacionar os valores de Segurança e Coerência de cada história entre si. Da análise realizada, foram encontradas correlações positivas e significativas entre todas as histórias para os dois valores. Relativamente à Segurança, para os participantes portugueses, os valores variam entre 0.74 e 0.84; para os participantes americanos

os valores variam entre 0.78 e 0.89. No que diz respeito à Coerência, os valores, para os participantes portugueses, variam entre 0.71 e 0.86 e para os participantes americanos variam entre 0.79 e 0.88.

De seguida, calculou-se a média de todas as histórias para o respectivo valor da Segurança e Coerência com vista à obtenção do valor geral para cada um destes e posteriormente, efectuou-se uma Correlação de *Pearson* com o objectivo de os relacionar entre si. Desta análise, verificou-se a existência de uma correlação positiva e significativa entre o valor da Segurança e o valor da Coerência ($r=0.94$, $p<.01$).

Análise entre a Qualidade da Vinculação da Criança e a Segurança e Coerência das Narrativas

Com o objectivo de analisar as correlações entre a dimensão Segurança, obtida pelo *Attachment Behaviour Q-Set* (Waters, 1995) e os valores de Segurança e Coerência das histórias recolhidas pelo *Attachment Story Completion Task* (Bretherton & Ridgeway, 1990) recorreu-se ao Coeficiente de Correlação de *Pearson*. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Como se pode observar na Tabela 1, foram encontradas correlações positivas e significativas entre a dimensão Segurança do AQS e a Coerência das histórias ($r=0.40$, $p<.01$) e o mesmo aconteceu para a Segurança das histórias ($r=0.40$, $p<.01$).

DISCUSSÃO

Na teoria de vinculação de Bowlby e Ainsworth o fenómeno de base segura, ou seja, o funcionamento do sistema de controlo da vinculação ao longo do

tempo, é o aspecto central (Waters & Cummings, 2000). Uma criança vinculada a um adulto, organiza o seu comportamento de vinculação no espaço e no tempo em redor desse adulto, usando-o como base segura para explorar o meio e como porto de abrigo para onde pode sempre regressar em situações de *stress*.

Os resultados obtidos revelam que as crianças, independentemente do país de origem, neste caso Portugal ou EUA, utilizam a mãe como base segura, o que confirma a noção de que este fenómeno está presente em crianças provenientes de diferentes grupos culturais (Posada, Goa *et al.*, 1995). O valor médio de segurança, para ambas as famílias participantes, encontra-se dentro dos valores médios dos estudos apresentados na meta-análise de van IJzendoorn *et al.* (2004).

Durante os primeiros anos de vida, a qualidade da vinculação depende dos sinais externos como sejam a proximidade, disponibilidade e responsividade da figura de vinculação. À medida que as interacções se repetem a criança desenvolve os modelos internos, ou seja, as representações para essas mesmas interacções, o que vai possibilitar a regulação ao nível interno do sistema (Bretherton, 1987; Bretherton & Munholland, 1999; Collins & Read, 1994).

Segundo Bretherton (1987), a linguagem das crianças pode ser considerada um meio para aceder aos modelos internos do *self* e da figura de vinculação e, como tal, na encenação das separações e reuniões com os brinquedos, as crianças estão, provavelmente, a activar os seus modelos internos. Deste modo, no presente estudo, foi utilizado o *Attachment Story Completion Task* (Bretherton & Ridgeway, 1990) para aceder aos modelos internos das crianças em idade pré-escolar.

TABELA 1
Correlações entre a dimensão Segurança do AQS e os valores de Segurança e Coerência das Histórias

	Coerência	Segurança
Segurança AQS	0.40*	0.41*

Legenda: * $p<.01$

De acordo com os resultados obtidos, as cinco histórias do *Attachment Story Completion Task* (Bretherton & Ridgeway, 1990) relacionam-se positiva e significativamente entre si, relativamente aos valores de Segurança e Coerência, o que significa que este instrumento é válido e apropriado para a avaliação da vinculação na referida amostra.

A correlação positiva e significativa encontrada entre o valor de Segurança e Coerência das histórias indica que as histórias cotadas como seguras apresentavam na sua maioria coerência.

Os resultados vão no sentido de uma associação entre a segurança na relação mãe-criança e a coerência como a criança estrutura a sua história. Assim, crianças com uma relação de vinculação mais segura tendem a contar histórias mais coerentes. Como Waters, Rodrigues e Ridgeway (1998) defendem, as experiências de vinculação são representadas sob a forma de uma estrutura de *script* causal-temporal em torno das componentes do fenómeno de base segura.

Analisou-se a estabilidade da vinculação com base na qualidade da relação mãe-criança e nas representações de vinculação das crianças em idade pré-escolar, uma vez que estudos anteriores indicam que a estabilidade da vinculação varia consoante as experiências vividas pelos sujeitos com a figura de vinculação (*e.g.*, Weinfield, Sroufe & Egeland, 2000; Waters, Weinfield & Hamilton, 2000). Neste estudo, com base nas correlações efectuadas, verificou-se a existência de uma relação positiva e significativa entre a dimensão Segurança do AQS e o valor de Segurança do ASCT.

Deste modo, as crianças que foram avaliadas com uma relação de vinculação segura desenvolveram, provavelmente, modelos internos de relações de vinculação seguras e foram capazes de utilizar esses modelos na resolução das situações apresentadas nas histórias. No final das histórias narradas por estas crianças, surgem adultos de confiança e protectores, que respondem de modo eficaz, fornecendo ajuda, protecção e cuidados de acordo com as necessidades. As crianças seguras associam este adulto ao eliminar do perigo, da dor ou da ansiedade; nas histórias que envolvem a separação e reunião, os pais são bem recebidos, os elementos da família estão finalmente em segurança e unidos; e o final das histórias é claro. Por outro lado, as histórias desorganizadas são caracteristicamente caóticas e frequentemente bizarras. Tendem a incluir acções violentas com ferimentos, doenças ou morte dos

personagens, e no final da história as situações perigosas ficam por resolver. O evitamento da necessidade de protecção, conforto e de vinculação é característico do final das histórias evitantes. As repostas podem ser obtidas através de uma estratégia de minimização das emoções relevantes na vinculação, e pelo recurso a histórias estereotipadas, com *scripts* de situações do quotidiano como sejam o comer e o dormir, com a negação de emoções, e com o negligenciar ou o ignorar a reunião, enfatizando-se que tudo está perfeito. Ainda, as histórias ambivalentes terminam frequentemente com a prevalência de emoções negativas – momentos de raiva, altos níveis de vulnerabilidade dos personagens, sem uma resolução clara dos tópicos referentes à vinculação, sendo histórias longas e confusas. Assim, as narrativas das crianças no *Attachment Story Completion Task* parecem restabelecer o que estas experienciam com as suas figuras parentais na relação de vinculação.

A qualidade da relação da criança com a figura de vinculação é de extrema importância no desenvolvimento precoce dos modelos internos. É através da qualidade do cuidado que a figura de vinculação providencia à criança e, também, das experiências que com ela partilha desde o nascimento, que a criança vai construindo as suas representações mentais do mundo e de si nesse mundo. Contudo, há, ainda, a salientar que, tal como o nome indica, os modelos internos são dinâmicos e portanto, abertos à mudança.

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the SS*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Separation, anxiety, and anger* (Vol. 2). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Loss* (Vol. 3). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Parent-child attachment and healthy development*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda: Apego* (Vol. 1). São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research: Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 50, 3-35.

- Bretherton, I. (1987). New perspectives on attachment relations: Security, communication and internal working models. In J. D. Osofky (Ed.), *Handbook of infant development* (2nd ed., pp. 1061-1100). New York: Wiley.
- Bretherton, I. (1991). Pouring new wine into old bottles: The social self as internal working model. In M. Gunnar & L. A. Sroufe (Eds.), *Minnesota Symposia on Child Psychology: Self-processes in development* (Vol. 23, pp. 1-41). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bretherton, I. (1993). From dialogue to internal working models: The co-construction of self in relationships. In C. A. Nelson (Ed.), *Minnesota Symposia for Child Development: Memory and affect in development* (Vol. 26, pp. 237-263). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (1999). Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 89-111). New York: Guilford Press.
- Bretherton, I., & Ridgeway, D. (1990). Appendix: Story completion tasks to assess young children's internal working models of child and parents in the attachment relationship. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 300-305). Chicago: The University of Chicago Press.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year-olds. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 273-308). Chicago: The University of Chicago Press.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: The structure and function of working models. In K. Bartholomew, & D. Pearlman (Eds.), *Attachment processes in adulthood: Advances in personal relationships* (pp. 53-90). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Crittenden, P. M. (1990). Internal representational models of attachment relationships. *Infant Mental Health Journal*, 11, 259-277.
- Hamilton, C. E. (2000). Continuity and discontinuity of attachment from infancy through adolescence. *Child Development*, 71, 690-694.
- Heller, C. (2000). *Narrative Coding Manual: Attachment ratings and classifications*. Unpublished Manuscript.
- Howes, C. (1999). Attachment relationships in the context of multiple caregivers. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (pp. 671-685). New York: The Guilford Press.
- Klagsbrun, M., & Bowlby, J. (1976). Responses to separation from parents: A clinical test for young children. *British Journal of Projective Psychology*, 21, 7-21.
- Main, M. (1991). Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring, and singular (coherent) vs. multiple (incoherent) models of attachment: Findings and directions for future research. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Maris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 127-159). London: Routledge.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton, & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research: Monographs of the Society for the Research in the Child Development*, 50, 66-104.
- Marvin, R. S., & Britner, P. A. (1999). Normative development: The ontogeny of attachment. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory: Research and clinical applications* (pp. 44-67). New York: The Guilford Press.
- Miljkovitch, R., Pierrehumbert, B., Bretherton, I., & Halfon, O. (2004). Associations between parental and child attachment representations. *Attachment & Human Development*, 6, 305-325.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Silva, F., & Fernandes, M. (2005). *A comparison of quality of child attachment to mothers and fathers*. Poster apresentado na SRCD Biennial Meeting, Atlanta, EUA.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B., Santos, A. J., & Fernandes, M. (no prelo). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: as relações Criança/Mãe e Criança/pai. *Psicologia*.
- Nelson, K. (1986). *Event knowledge: Structure and function in development*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Nelson, K. (1996). *Language in cognitive development: The emergence of the mediated mind*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Oppenheim, D., & Waters, H. S. (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development an assessment. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behaviour and working models: New growing points of attachment theory and research. Monographs of Society for Research in Child Development*, 60, 197-215.
- Posada, G., Goa, Y., Wu, F., Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A., Sagi, A., Kondo-Ikemura, K., Haaland, W., & Synnevaag, B. (1995). The secure-base phenomenon across cultures: Children's behaviour, mother's preferences and experts concepts. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60, 27-47.
- Schank, R. C., & Abelson, R. P. (1977). *Scripts, plans, goals and understanding*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Solomon, J., George, C., & De Jong, A. (1995). Children as controlling at age six: Evidence of disorganized representational strategies and aggression at home and at school. *Development and Psychopathology*, 7, 447-463.

- Sroufe, L. A., & Fleeson, J. (1986). Attachment and the construction of relationships. In W. Hartrup, & Z. Rubin (Eds.), *Relationships and development* (pp. 51-71). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Steele, M., Hodges, J., Kaniuk, J., Hillman, S., & Henderson, K. (2003). Attachment representations and adoption: Associations between maternal states of mind and emotional narratives in previously maltreated children. *Journal of Child Psychotherapy, 29*, 187-205.
- Stern, D. N. (1985). *The interpersonal world of the infant*. New York: Basic Books.
- van IJzendoorn, M. H., Vereijken C. M. J. L., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Riksen-Walraven J. M. (2004). Assessing attachment security with attachment Q-Sort: Meta-analytic evidence for the validity of the observer AQS. *Child Development, 75*, 1188-1213.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Waters, H. (2005). Coordenação entre o modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos. *Análise Psicológica, 23*, 7-17.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: Vinculação na tríade mãe-pai-criança. In J. C. Coelho Rosa, & S. Sousa (Eds.), *Caderno do bebé* (pp. 73-85). Lisboa: Fim de Século.
- Waters, E. (1995). Appendix A. The Attachment Q-Set (version 3.0). In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in the Child Development, 60*, 234-246.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development, 71*, 164-172.
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment stability in infancy and in early adulthood: A 20-years longitudinal study. *Child Development, 71*, 684-689.
- Waters, E., Weinfield, N. E., & Hamilton, C. E. (2000). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: General discussion. *Child Development, 71*, 703-706.
- Waters, H. S., Rodrigues, L. M., & Ridgeway, D. (1998). Cognitive underpinnings of narrative attachment assessment. *Journal of Experimental Child Psychology, 71*, 211-234.
- Weinfield, N. E., Sroufe, A., & Egeland, B. (2000). The stability of attachment security from infancy to early adulthood in a high-risk sample: Continuity, discontinuity, and their correlates. *Child Development, 71*, 695-702.

RESUMO

Estuda-se, numa amostra que contempla dois países – Portugal e Estados Unidos da América –, a estabilidade da qualidade da vinculação, na relação mãe-criança, analisando-se o comportamento de base segura na relação mãe-criança nos primeiros anos de vida e as representações mentais da criança acerca desta relação, no pré-escolar. Os participantes são 25 díades mãe-criança portuguesas e 47 díades mãe-criança americanas. Utiliza-se o *Attachment Behaviour Q-Set (AQS)* (Waters, 1995) para avaliar os comportamentos de base segura e, três anos mais tarde, aplica-se às crianças o *Attachment Story Completion Task (ASCT)* (Bretherton & Ridgeway, 1990) que avalia a qualidade e a segurança das representações internas da relação de vinculação. Os resultados mostram que, nesta amostra, há uma estabilidade da vinculação entre os 2-3 anos de idade e os 5-6 anos de idade. O valor de segurança do *AQS* está correlacionado positiva e significativamente com a dimensão de segurança do *ASCT*. Nesta amostra, os modelos internos dinâmicos parecem permanecer relativamente estáveis ao longo de um período significativo de tempo.

Palavras-chave: Estabilidade da vinculação, modelos internos dinâmicos, comportamento de base segura.

ABSTRACT

Attachment Stability from infancy to preschoolers was studied in a sample that includes two countries – Portugal and the US –. The study examined associations between infant-mother secure base behaviour and attachment representation at preschooler years. 25 mother – child Portuguese dyads and 47 mother – child american dyads participated in the study. The quality of the children's secure base behaviour was assessed with the *Attachment Behaviour Q-Set (AQS)* (Waters, 1995) and three years later, to assess the quality and the security of the internal representations of the attachment relationship it was used *Attachment Story Completion Task (ASCT)* (Bretherton & Ridgeway, 1990). Correlations between *AQS* security and *ASCT* security were found. In this sample, internal working models seem to be relatively stable over a significant period of time.

Key words: Attachment stability, internal working models, secure base behaviour.